

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A APRENDIZAGEM

FERNANDES, Tânia<sup>1</sup>

Gonçalves, Valdirene Polassi<sup>2</sup>

Santos, Zenilde Vieira dos<sup>3</sup>

Silva , Vanilda Aparecida da<sup>4</sup>

Moura, Maria Aparecida da Silva<sup>5</sup>

Souza, Vilma Gomes da Silva<sup>6</sup>

### Resumo:

Este artigo tem o intuito de contribuir para a contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Logo, se faz necessário que o professor utilize essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da fantasia.

---

<sup>1</sup> Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes.

Email:thania\_fernandes@hotmail.com

<sup>2</sup> Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes.Email:valdirene155@hotmail.com

<sup>3</sup> Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes.Email:nide\_poderosa@hotmail.com

<sup>4</sup> Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes.Email:vanildaapsilva@hotmail.com

<sup>5</sup> Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes.Email:mouramaria07@gmail.com

<sup>6</sup> Acadêmica na Faculdade Uninter. Email:Wilma.gs@hotmail.com

Oferecer a elas a compreensão das palavras abstratas e utilizando a motivação, o envolvimento nos símbolos contidos nas obras literárias e a imaginação no sentido de seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar pelo livro, pela história, pela leitura para dessa maneira promover a aprendizagem. Utilizando-se da leitura, através da contação de histórias, como metodologia para o desenvolvimento dos sujeitos e melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas. E está fundamentado nas questões da alegria de contar histórias e os requisitos necessários para esta atividade; sobre como utilizar a metodologia de contar história para desenvolver o gosto pela leitura e de como os recursos implícitos na contação de história favorecem a aprendizagem. Por fim espera-se que o professor tenha um melhor entendimento de como a criança reage ao receber os estímulos contidos na diversidade das histórias que ao serem contadas transportam os ouvintes para o mundo da imaginação.

**Palavras-chave:** Contação de História. Aprendizagem. Imaginação

## 1- INTRODUÇÃO

Estamos vivendo uma era em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças; as informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos. Os livros estão sendo deixadas de lado, as histórias está sendo esquecido, tornando um desafio para o educador fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura. Diante dessa realidade educativa, que se mostra fragmentada e que pouco favorece a aprendizagem, faz-se fundamental buscar novas alternativas metodológicas que possibilitem ao professor o desenvolvimento de habilidades e competências para trabalhar com a linguagem oral e, através dela, garantir o acesso dos seus alunos à cultura, como um bem universal a ser desfrutado e desencadeador da produção de novos conhecimentos. A contação de história nas escolas era uma forma de distrair as crianças e hoje ela vem ressurgindo na figura do contador de histórias sendo um valioso auxílio na prática pedagógica.

Desde aqueles tempos remotos e ainda hoje, a necessidade de exprimir os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores de avós para netos têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar.

Contar história é uma forma de o homem dar continuidade a sua cultura, suas descobertas sua espécie. Na sala de aula, porém, este hábito não acontece com a frequência desejada, suprimindo nas crianças o ato de desenvolver a imaginação impedindo também o acesso as histórias que fundamentaram várias gerações com seus ensinamentos.

Não se pode conceber que crianças que não são incentivadas a ouvir histórias possam ter concentração para ler livros e produzir textos, porque só se constrói leitores através do incentivo da leitura. E como afirma Bezerra (2008, p. 03):

Contar histórias para crianças deve ser um ato constante, não só porque executá-lo é o início da aprendizagem para ser leitor, mas para provocar a

imaginação. Deve dar prazer a quem conta e ao ouvinte. Constitui fonte de prazer e encantamento pela vida. É ouvindo histórias que se pode descobrir o mundo imenso de conflitos e soluções, que se podem sentir novas e diferentes emoções, conhecerem lugares novos, começar a formar opiniões, critérios, conceitos e novos valores.

A história contada através da oralidade permite a interação entre contador e ouvintes, já que o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias, perdidas na aceleração da vida moderna. Muitos educadores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajudá-los. O principal objetivo de contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas uma história bem contada pode aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou modo de vida

Para Rodrigues:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

## **2- Contar história desenvolve as possibilidades de apreensão dos significados do mundo**

O contador de histórias deve deixar que as crianças imaginem a história partindo do seu mundo de fantasias e encantamentos, fazendo com que elas interajam mais de perto com o enredo e se interessem mais por ele. Para que

isso aconteça, é preciso que haja muita pesquisa por parte do contador, em que se busquem novos recursos, leituras para conhecer melhor a arte de contar histórias e descobrir o que a criança vai gostar de ouvir e de ver durante a prática de contação de histórias dentro da fase de formação do leitor em que se encontra. Porém, o contador de histórias precisa ter algumas habilidades fundamentais para poder encantar as crianças com as histórias que conta e atingir o objetivo maior de sua prática, que é o de fazer com que a criança procure ler aquela história que se apaixonou por intermédio da pessoa que a contou. Para contar bem uma história, o contador precisa ter a habilidade de resumí-la, de forma que a mesma não perca a sua principal essência, as características do autor que a escreveu e seu clímax. Segundo Sisto (2012, p. 61) “Algumas vezes, é preciso fazer recortes do texto, para torná-lo possível de ser contado, colocando-o numa extensão suportável para o espectador. Essa ‘montagem’ do texto, visando sua apresentação oral, não pode ferir o entendimento do texto nem o estilo do autor”.

Então, para que o contador resuma uma história de maneira eficaz, ele precisa, principalmente, gostar da história que vai contar, porque só assim saberá resumí-la como foi pretendido e, ainda, poderá agregar a emoção no momento de contá-la e contá-la, com efeito, é necessário muito ensaio para que a prática de histórias seja um sucesso. Visando sua apresentação oral, não pode ferir o entendimento do texto nem o estilo do autor. Usar a contação em sala de aula faz com que todos saiam ganhando, tanto o aluno, que será instigado a imaginar e criar, quanto o professor, que ministrará uma aula muito mais agradável e produtiva e alcançará o objetivo pretendido: a aprendizagem significativa. Além disso, as histórias ampliam o contato com o livro para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário e, através de variadas situações, a contação de histórias pode: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento etc. Ou seja, ao se contar uma história, percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo. As histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura. Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar pela história, pela leitura. A contação de história é fonte inesgotável de prazer,

conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.

Considerando a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem. Preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra.

A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do espaço escolar, não somente com seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora do conto ou da leitura, mas adentrar a sala de aula, como metodologia que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas.

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida. Se observarmos o que diz Paulo Freire (1982) sobre leitura, podemos afirmar que é a partir da leitura de mundo que o ser humano aprende a ler os demais textos. Levando em consideração tal reflexão, a literatura oral, por expandir a leitura de mundo, é uma eficaz ferramenta para aguçar a curiosidade por outras artes e excitar a imaginação. Por isso, as salas de aula, antes de serem lugares onde existem livros com suas histórias presas em si, devem ser lugares onde as vozes correm vivas e entram em cabecinhas ávidas por imaginar. Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. (MACHADO, 2002, p. 15) Começar a ler deve ser uma iniciativa própria de cada um, precisamos apenas indicar os caminhos para que as pessoas

despertem seu gosto pela leitura. “(...) entre as aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes os substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram o conteúdo desses livros.” (MEIRELES, 1979, p. 42). Um dos principais objetivos da escola é fazer com que os alunos gostem de ler. Mas, não podemos obrigá-los a isto, temos sim que encontrar formas de persuadir os alunos para que eles próprios busquem a leitura. Para isto, um caminho possível é o da contação de histórias, pois, como diz MEIRELES: “o gosto de ouvir é como o gosto de ler”. Alguém que toma gosto em ouvir histórias, provavelmente, procurará lê-las também. Ou, até mesmo, chegará a escrevê-las, já que “o gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores” (1979, p. 42).

Ao trabalhar com formas populares (parlendas, música, contos, etc) eles podem vir a reconhecer a cultura de sua própria família, ou melhor, podem perceber que sua gente também tem cultura. (...) é a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. (MEIRELES, 1979, p. 66)

Os contos possibilitam enxergar as diferenças culturais e constatar que a diversidade é saudável. Auxiliam “a expansão da nossa consciência ética e estética” (BUSATTO, 2003, p. 38). Vemos nas histórias elementos identificadores do cotidiano do povo, mesmo quando são histórias de reis e cavaleiros, já que os temas encontrados no interior das histórias são universais. “A Literatura Tradicional apresenta esta particularidade: sendo diversa em cada país, é a mesma no mundo todo” (MEIRELES, 1979, p. 64).

É necessário que exista identificação entre conto e contador, para que este possa conduzir a narrativa da melhor forma. Cada contador coloca nas histórias um pouco de sua personalidade, priorizando passagens que, de alguma forma, dialogam mais com seu íntimo. É essa identificação entre o conto e seu contador que faz a diferença, pois dessa integração dependerá o sucesso da performance.

Ao utilizar-se a contação de histórias, todos saem ganhando, sejam os ouvintes, que serão instigados a imaginar e criar, seja o contador, que terá a

oportunidade de recriar um ambiente de resgate da memória. E, ao pensarmos na escola, tanto os alunos como os professores terão uma aula muito mais atrativa e motivadora. Assim, quem mais sai ganhando é, na verdade, a sociedade, que receberá cidadãos mais criativos e capazes de conviver com a diversidade

O ato de contar história é possível em todas as fases de desenvolvimento do ser humano, dessa forma, “o impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significação para todos.” COELHO (2000, p.13). A contação de história como estímulo para a aprendizagem nos remete aos concertos de leitura de Alves (2006, p. 61) quando afirma:

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No princípio está a Palavra...” É pela palavra que se entra no mundo humano.

Contar história desenvolve as possibilidades de apreensão dos significados do mundo em que as crianças estão inseridas. Esta atividade pode auxiliar na aprendizagem por apresentar características únicas de descontração, atenção, alegria entre outras tantas habilidades que possam fazer o aluno aprender e apreender o sentido das coisas pelo modo lúdico da contação de histórias. “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a



mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto criar asas e estimular a aprendizagem” (ABRAMOVICH, 1994, p. 23).

A criança desenvolve-se seu ser se for estimulada exteriormente e a contação de história viabiliza esta interação colocando a criança em confronto consigo mesma para distinguir o real do imaginário. Dentre as habilidades desenvolvidas pela criança através do que houve nas histórias são destacadas por Dohme (2005, p.19) alguns aspectos relevantes, tais como:

- **Caráter:** as histórias com heróis, conteúdos que proporcionam lições de vida, fábulas em que o bem prevalece sobre o mal. Por meio das histórias, principalmente, os meninos se defrontam com situações fictícias e com isso adquirem vivência e referências para montar os seus próprios valores;

- **Raciocínio:** as histórias mais elaboradas, os enredos intrigantes, agitam o raciocínio da criança.

- **Imaginação:** o exercício da imaginação traz grande proveito às crianças, porque atende a uma necessidade muito grande que elas têm de imaginar. As fantasias não são somente um passatempo; elas ajudam na formação da personalidade na medida em que possibilita fazer conjecturas, combinações, visualizações como tal coisa seria “desta” ou de “outra” forma.

- **Criatividade:** uma vez que a criatividade é diretamente proporcional à quantidade de referências que cada um possui, quanto mais “viagens” a imaginação fizer, tanto mais aumentará o “arquivo referencial” e, conseqüentemente, a criatividade.

- **Senso Crítico:** as histórias atuam como ferramentas de grande valia na construção desse senso crítico, porque por meio delas os alunos tomam conhecimento de situações alheias à sua realidade, uma vez que podem “navegar” em diferentes culturas, classes sociais, raças e costumes.

- **Disciplina:** é entendida como aceita e praticada espontaneamente pela criança e não como algo imposto inquestionavelmente pelo educador. No momento que se trabalha com o que a criança realmente gosta, quando sente que foi preparada especialmente para elas, as chances de se ter uma postura atenta e participativa aumentam muito.

É bom saber que uma história bem contada surpreende as pessoas, tem o poder de quebrar a rotina e trazer a magia à tona; estimula-se a

criatividade, rompem-se barreiras, desvendam-se mistérios, abrem-se portas e pode ser tão especial e marcante para o ouvinte que chega a influenciar na sua maneira de pensar e agir.

Contar histórias para crianças desde a mais tenra idade desenvolve o gosto pela leitura e proporciona a aprendizagem de forma prazerosa. Cada faixa etária tem predileção por um tipo de história ou livro devendo ser estimulados por estes gostos desde cedo pelos pais ou quando não houver esta possibilidade, pela escola. A apresentação de livros e a contação de histórias em crianças deve ser desenvolvidas por atividades que envolvam os pequenos e prendam sua atenção tanto quanto os brinquedos.

Nesta fase, segundo Priolli (2008, p. 18) ler é importante por que:

- Forma leitores desde cedo e valoriza a escuta de histórias;
- A criança valoriza o livro como fonte de conhecimento e entretenimento;
- A escrita de histórias na escola oportuniza momentos prazerosos em grupo, enriquece o imaginário, amplia o vocabulário, além de familiarizar a criança com a leitura, uma prática valorizada pela sociedade.

Formar leitores torna-se essencial para a convivência na sociedade e esta descoberta foi feita pelo homem para garantir a transmissão de sua história, assim, como afirma Coelho (1991, p.13): “O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significação para todos.”

Como diz Fonseca (2004, p. 24) apud Machado (2001), “o homem elaborou os sons que produzia com a língua para expressar objetivamente e subjetivamente o que seus sentidos podiam captar de suas vivências. A capacidade de transmitir suas aprendizagens, lembranças, lugares, pessoas, mistérios e as maravilhas da natureza, surge quando ele articula a linguagem em narrativas, como um salto fenomenal para a preservação e expansão da espécie”.

Porém, quem conta uma história deve dominar as técnicas de leitura porque esta não dá prazer se for traduzida por atos mecânicos, não precisa pensar em letras e palavras, só se deve pensar nos mundos que saem das histórias e deixar-se guiar numa viagem imaginária (ALVES, 2006 p. 64).

De acordo com Stefani (1997, p. 23) contam-se histórias para os menores, para distraí-los, muitas vezes como algo sem importância. Na verdade essa é uma atividade para a alma comparável ao oxigênio do corpo.

Diante desta afirmação pode-se entender que contar história não pode ser utilizada em sala de aula como algo vazio de objetivos, pois existem nesta atividade diversas oportunidades de construir o conhecimento do aluno.

“Para contar uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas outras coisas mais...” (ABRAMOVICH, 1994, p. 20).

Contar histórias é uma arte... E tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.(ABRAMOVICH (1999, p. 9). A alegria de contar história nasce da beleza que há em lembrar culturas ancestrais e passá-las adiante, seja para crianças, seja para adultos. Não existe limite de idade para se deliciar com momentos de prazer onde a imaginação alcança alturas imensas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, a importância da leitura e da literatura para a formação da criança reafirmando que esta traz benefícios, pois além de possibilitar novas experiências à criança, ela enriquece, ajuda a enfrentar os problemas internos,

diverte e contribui para o amadurecimento tanto intelectual como psicológico na infância.

Sendo a escola um lugar de construção e reconstrução de conhecimentos, deve dar atenção à contação de histórias, pois ela contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento perceptivo no educando. A respeito de seus benefícios são enormes na aprendizagem de conteúdos, na socialização, na comunicação, na criatividade e na disciplina.

A atividade de contação de história então serve para fundamentar o mundo das crianças e suas possibilidades de resolverem seus conflitos de forma lúdica enquanto aprendem a montar suas próprias estratégias de aprendizagem

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed.rev. e ampl. Belo

Horizonte: Aletria, 2012

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 2006.

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. São Paulo: Summus, 1979.

MACHADO, Ana Maria. Como e Por que ler os Clássicos Universais desde Cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1994.

COELHO, N. N. **Literatura: Arte, Conhecimento e Vida**. Petrópolis: Fundação Petrópolis, 2000

BUSATTO, Cléo. Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003

FONSECA, Adriana Beatriz da Silva. **“Era uma vez...”**: o contar histórias como prática educativa na formação docente. Uberaba: UNIUBE, 2004. Dissertação de Mestrado

PRIOLLI, J. Fraldas e livros. **Nova Escola**. Edição Especial Leitura, nº 18. São Paulo: Abril, 2008.

STEFANI, R. **Leitura que espaço é esse?** Uma conversa com educadores. São Paulo: Paulus, 1997.



